

Atuação dos pais na situação febril dos filhos

Casanova, Celina¹; Reis Santos, Maria Margarida²; Prata, Ana Paula³

¹ Hospital S^{ta} Maria Maior EPE Barcelos, Enfermeira (casanova.celina@gmail.com);

² Escola Superior de Enfermagem do Porto, Professora coordenadora; CINTESIS (mrs@esenf.pt);

³ Escola Superior de Enfermagem do Porto, Professora adjunta (prata@esenf.pt).

Resumo

Introdução: A febre pode ser arbitrariamente definida como uma temperatura superior ou igual a 38°C (Algren, *et al.*, 2006). Em contexto pediátrico é, inequivocamente, um dos mais, ou mesmo o mais, frequente sinal de doença. Particularmente nos lactentes, *toddlers* e crianças pré-escolares, a febre gera, nos pais, ansiedades e receios levando a que seja um dos sinais mais comumente responsável pela procura dos serviços de saúde (Carrilho, 2003; Poirier, *et al.*, 2010; Sullivan, *et al.*, 2011).

Objetivo: Identificar as intervenções adotadas pelos pais, das crianças menores de seis anos de idade, para gerir os episódios febris dos filhos.

Metodologia: Estudo transversal, exploratório e descritivo integrado no paradigma da investigação quantitativa. Dados colhidos por questionário entre maio e agosto de 2011, em dois Jardins de Infância. A amostragem por redes e por escolha racional foi o método de seleção dos participantes. A amostra foi constituída por 145 pais (89%, n=129, eram mães e 11%, n=16, pais), de crianças menores de seis anos de idade. A média de idades dos pais era 34,2 anos e 46,9% (n=68) tinham como habilitações literárias o ensino superior. A média de idades das crianças foi de 35,1 meses.

Resultados: A maioria dos pais (60,5%, n=87) considera valores inferiores a 38°C como febre e administra antipiréticos com valores inferiores ou iguais a esse valor (86,4%, n=114). A perceção sensorial continua a ser um importante método auxiliar no despiste da febre, realçando que 64,5% (n=87) avaliam a temperatura utilizando, simultaneamente, o termómetro e o toque na pele. A utilização dos meios físicos de arrefecimento, particularmente o despir/vestir roupa mais fresca (69,6%, n=94) continua a ser uma forma relevante e complementar de gestão dos episódios febris.

Conclusão: Os pais continuam a considerar valores relativamente baixos, de temperatura corporal, como febre e, conseqüentemente, a administrar precocemente antipiréticos, o que está de acordo com os resultados de outros estudos nacionais e internacionais. Continuam, também, a adotar práticas desaconselhadas pela evidência científica, pelo que, os resultados sugerem continuar a ser necessário investir na formação dos pais relativamente a esta problemática.

Palavras-chave: Conhecimentos Parentais; Criança; Febre; Intervenções Parentais